

Corpo, sociedade, princípio do rendimento: ilimitado esporte paralímpico

Danielle Torri
Alexandre Fernandez Vaz

Resumo

O artigo analisa o fenômeno esportivo compreendendo-o como parte da sociedade capitalista que reforça o princípio do desempenho (Marcuse) e o expande para além das pistas e das quadras. Para tal, este texto foca em três aspectos: 1) a suposta igualdade formal de chances; 2) a incorporação técnica, que transforma o corpo em objeto treinável; e 3) a relação do sujeito com seu corpo, em que é necessária a superação da dor para obtenção do rendimento. Sintetizam nossos escritos a trajetória de um atleta paralímpico investigado durante a preparação para os Jogos de 2016 e sua participação na competição. Nossos resultados confirmam que, para o sistema esportivo, vale sempre a eficiência, de maneira que tornar eficiente um corpo classificado como deficiente é a radicalização máxima do princípio de desempenho. Assim, concordamos com a assertiva de Theodor W. Adorno quando afirma que a sociedade sofre uma esportivização a partir do ideário do fenômeno, exportando recordes, índices, números, progresso infinito, etc. e colocando-se como estrutura modelar para os corpos contemporâneos.

Palavras-chave: Educação do corpo. Esporte. Princípio de Desempenho. Theodor W. Adorno. Herbert Marcuse.

Danielle Torri

Universidade Federal do Paraná,
UFPR

E-mail: danielletorri@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/0000-0002-8260-2720>

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa
Catarina, UFSC

E-mail: alexfvaz@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7937-2365>

Recebido em: 02/10/2021

Aprovado em: 09/03/2022



Abstract**Keywords:**

Education of
Body. Sport.
Principle of
Performance.
Theodor W.
Adorno. Herbert
Marcuse.

Body, Society, Principle of Performance: the unlimited character of paralympic sport

This paper analyzes the sport phenomenon as part of the capitalist society that reinforces the principle of performance (Marcuse) and expands it beyond the tracks and courts. To this aim, the paper focuses on three aspects: 1) the supposed formal equality of chances; 2) The technical incorporation that transforms the body into a trainable object and 3) The subject's relationship with the own body in which it is necessary to overcome pain to obtain income. The trajectory of a Paralympic athlete investigated during the preparation for the 2016 Games and his participation in the competition synthesizes our text. Our results confirm that efficiency is always valid for the sports system, so that making a body classified as deficient efficient is the maximum radicalization of the performance principle. Thus, we agree with Theodor W. Adorno's assertion when he states that we live in a sporting society based on the ideology of sport, exporting records, indexes, numbers, infinite progress, etc., placing itself as a model structure for contemporary bodies.

Resumen**Palabras clave:**

Educación del
cuerpo. Deporte.
Principio de
Desempeño.
Theodor W.
Adorno. Herbert
Marcuse.

Cuerpo, Sociedad, Principio de Rendimiento: el carácter ilimitado del deporte paralímpico

El artículo analiza el fenómeno del deporte entendiéndolo como parte de la sociedad capitalista que refuerza el principio de rendimiento (Marcuse) y lo expande más allá de las pistas y canchas. Para ello, este texto se centra en tres aspectos: 1) la supuesta igualdad formal de oportunidades; 2) La incorporación técnica que transforma el cuerpo en un objeto entrenable y 3) La relación del sujeto con su cuerpo en la que es necesario superar el dolor para obtener rendimiento. Sintetiza nuestros escritos, la trayectoria de un deportista paralímpico investigado durante la preparación de los Juegos de 2016 y su participación en la competición. Nuestros resultados confirman que la eficiencia es siempre válida para el sistema deportivo, por lo que hacer que un cuerpo calificado como deficiente sea eficiente es la máxima radicalización del principio de rendimiento. Así, coincidimos con la afirmación de Theodor W. Adorno cuando afirma que la sociedad se esportiviza bajo la ideología del fenómeno, exportando sus registros, índices, números, progreso infinito, etc., ubicándose como estructura modelo para los cuerpos contemporáneos.

1 Introdução

A realização dos recentes Jogos Olímpicos de Verão, em Tóquio, mostra o quanto o esporte é um fenômeno com enorme presença na sociedade contemporânea. Em meio à pandemia de Covid-19, o evento, que acontece a cada quatro anos desde 1896, com exceção dos tempos da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, deveria ter ocorrido em 2020, mas foi adiado para o ano seguinte. Embora o vírus não estivesse controlado, muito menos na capital japonesa, o *establishment* esportivo (Comitê Internacional Olímpico, conglomerados de comunicação, patrocinadores, etc.) moveu mundos e fundos para a realização das Olimpíadas.

A força do fenômeno conforma nacionalismos, ainda mais em um mundo em que refugiados, asilados ou simplesmente imigrantes, principalmente em países europeus e da América do Norte, ganham novos passaportes ou outorgam para seus filhos e filhas uma nova nacionalidade e, portanto, a possibilidade de que suas novas bandeiras os tenham como representantes em suas equipes. A diversidade, no entanto, não é apenas de nações dos cinco continentes, ela é também a de corpos que se adequam mais ou menos às diversas modalidades olímpicas. No entanto, essa conformação não é algo natural, ao menos não somente, já que os corpos esportivos dificilmente chegam aos grandes eventos sem uma intensa e longa construção, que os torna capacitados para as disputas. Esportes diferentes entre si exigem atletas com conformações corporais específicas, mas há algo que a todos unifica: a construção de condições que propiciem o máximo desempenho.

Se o princípio do desempenho orienta a formação desses corpos, ele não se limita, no entanto, aos campos, às quadras, pistas ou piscinas, pelo contrário. Ele organiza a vida na sociedade capitalista, como apontou Herbert Marcuse (1955, p. 45) nos anos 1960, em sua crítica à específica forma que o princípio de realidade, delimitado como categoria por Sigmund Freud, historicamente alcançara:

O princípio de desempenho, que é aquele de uma sociedade consumista e competitiva em seu processo de constante expansão, pressupõe um longo desenvolvimento durante o qual a dominação foi sendo cada vez mais racionalizada: o controle sobre o trabalho social agora reproduz a sociedade em escala exacerbada e sob condições de avanço. Por um longo tempo, os interesses de dominação e os interesses coletivos coincidiram: a potente utilização do aparato produtivo contemplou as necessidades e capacidades dos indivíduos. (tradução nossa).¹

Essa contemplação já não acontece, de modo que a disjunção significa, na sociedade industrial, alienação ampliada, como explica Marcuse (1966). É no seio desta que nasce e cresce o esporte, como prática distintiva de ocupação do tempo livre e, logo a seguir, de âmbito profissional, no contexto da produção do espetáculo.²

Dessa forma, o esporte emerge como uma das situações exemplares mais marcantes de realização do princípio de desempenho, o que é tanto mais impressionante porque as ações desenvolvidas nas

competições só ganham sentido a partir da valorização cultural de performances, nas quais força, velocidade, resistência, etc. têm funções puramente simbólicas. Correr em um campeonato de atletismo mostra qualidade atlética, mas a velocidade fora da pista dificilmente será útil na vida cotidiana. Esse caráter modelar do esporte foi chamado por Theodor Adorno (2020) de *esportivização da sociedade*. Ele estaria na concorrência como norma central da sociedade administrada, não porque todos se tornaram atletas, mas porque o esporte expressa, como nenhuma outra prática, tal impulso, mesmo que em torno de si se coloque todo tipo de expectativa positiva. Ou talvez seja por isso mesmo que esse processo se desenvolva, movimento cuja sintomatologia pode ser encontrada no fato de atletas serem constantemente requisitados para, à luz de suas trajetórias de disciplina, sacrifício e êxito, motivarem equipes de venda, grupos de executivos ou mesmo funcionários das mais diversas funções em grandes empresas.

Nos termos mais estritos aos atletas, para a operacionalização desse princípio de desempenho, é necessário um intenso e amplo controle corporal, capaz de transformá-los em máquinas aptas a responder aos estímulos exigidos. Esse governo é expressão do domínio da natureza, nesse caso, interna ao sujeito, que o transforma em objeto manipulável e treinável. Coloca-se a ancestral separação entre sujeito e objeto (ADORNO, 1995a), mas aqui ambos se encontram no corpo esportivo, por sua vez submetido a uma instância que seria não corporal (*Geist*).³ Os corpos devem ser estimulados e ao treinamento responder para que possam produzir performance. Esse processo procura levar o corpo/organismo sempre ao seu máximo, ao limite e também a ultrapassá-lo, de forma que a dor se transforma de barreira que anuncia o perigo em fronteira que pode e deve ser superada (VAZ, 2001).

O princípio do desempenho no esporte supõe, portanto, um grande investimento na construção – e destruição – de um corpo, em correspondência com o amor-ódio a ele destinado (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). É a essa questão que este artigo se dedica, focando em três aspectos que lhe dão sustentação: a suposta igualdade formal de chances (requisito que pretende oferecer justiça para as contendidas), aplicada a corpos que, contudo, não podem ser equivalentes e jamais são iguais; a incorporação técnica (a transformação do corpo em instrumento técnico); e a relação do sujeito com seu corpo, construindo-o como se fora um outro em relação a si, como objeto, matéria manipulável e ordenável a serviço do rendimento.

Escolhemos um caso exemplar⁴ para estruturar os argumentos aqui apresentados. Trata-se da trajetória de preparação de um atleta paralímpico, praticante de atletismo, especificamente da prova do salto em altura, cuja deficiência se vê marcada pela ausência da perna esquerda, perdida em decorrência de um tumor no fêmur desenvolvido na infância. Ao contrário do que pode parecer em um primeiro momento, o esporte para pessoas com deficiência leva ao extremo os valores e as normas das práticas esportivas convencionais. Para o sistema esportivo vale a eficiência, de maneira que tornar eficiente um corpo classificado como deficiente é a radicalização máxima do princípio de desempenho. Ao ser paralímpico o

esporte não deixa de ser o que é, senão o contrário. Dito de outra forma, é antes esporte do que atividade destinada a pessoas com deficiência.

2 Da igualdade formal de chances

Uma das características-chave do esporte, principalmente o de alto rendimento, mas não apenas dele, é a suposição de que há, no momento da competição, igualdade de chances entre os adversários. Sem que haja um acordo de que esse princípio está sendo formalmente respeitado, as disputas pareceriam injustas, já que os atletas estariam em pontos de partida distintos, o que impediria a comparação de desempenhos, base de toda competição. Tal processo se calca, essencialmente, nas condições do organismo, desprezando as questões sociais que constroem um corpo ao longo de uma vida. Dessa forma, importa saber se os atletas que competem entre si têm idades próximas quando são crianças e jovens, ou se são veteranos; se o peso corporal é equivalente nas lutas, como o boxe, o judô e o caratê; e, principalmente, no que se refere ao sexo, se está claro que são homens contra homens ou mulheres que, igualmente, se colocam à prova umas contra as outras.⁵

É nesse registro que se destacam, por exemplo, as celeumas em relação às claras delimitações procuradas para se saber o sexo dos atletas, processo histórico que já fez com que mulheres fossem submetidas a diversos exames invasivos, desde aqueles que verificavam se sua anatomia era correspondente ao que se esperaria de um organismo feminino, até testes bioquímicos que deveriam atestar que os níveis de testosterona seriam compatíveis com certo modelo de feminilidade. A problemática tem se atualizado em casos como o de Caster Semenya – corredora sul-africana impedida de participar de competições oficiais porque teria produção desse hormônio em níveis incompatíveis com a condição feminina (SILVEIRA; VAZ, 2014) – e em situações em que atletas transexuais, principalmente mulheres, têm sua participação esportiva questionada, fenômeno que ocorre desde a primeira mulher trans a se aventurar no esporte de alta competição, a oftalmologista e tenista Renée Richards, em meados dos anos 1970.

Outro exemplo dessa obsessiva preocupação com a igualdade formal de chances são os critérios para o estabelecimento de um recorde, como em provas de atletismo, que devem ser obedecidos para que a nova marca possa ser homologada, ou seja, reconhecida oficialmente como a melhor já alcançada. Direção e velocidade do vento (que não pode ser favorável e com mais de 2 metros por segundo), assim como a altitude do local de realização das provas de salto e de velocidade devem ser observadas; a cronometragem das corridas precisa ser eletrônica e contar com registros visuais precisos em relação à ordem e ao momento exato em que os atletas cruzaram a linha de chegada.

Esses critérios se referem a aspectos que seriam naturais, como se todos os seres humanos nascessem iguais e cada qual tivesse o mérito individual de desenvolver-se como atleta. No esporte, as questões históricas e sociais por meio das quais se constrói o corpo são ignoradas, tanto no que se refere à geopolítica

(há países com muitos investimentos no esporte, outros com quase nada), quanto, entre tantos outros aspectos, aos determinantes de classe, raça/etnia e gênero relacionados ao acesso às práticas esportivas.

Se a igualdade formal de chances é uma premissa para o esporte, ao supor que auferir justiça às competições, mesmo que isso se revele dificilmente defensável, no paralimpismo essa obsessão é ainda mais radical, vincando-se em uma infinidade de exames e normas que estruturam as categorias de competição, pois as modalidades se colocam para corpos muito diferentes entre si, já que são resultado de inúmeras lesões, doenças e condições que modificam seus organismos.

As regras e normas no esporte, paralímpico ou olímpico, são pensadas para corpos supostamente universais. Como aqueles com deficiência apresentam-se de maneiras diversas, os atletas são classificados desde suas primeiras participações. Assim, logo que começa a praticar um esporte, um atleta, ao competir em um evento oficial, passa por uma bateria de testes, que primeiramente define o grau de comprometimento de sua deficiência e também seu potencial residual – aquilo pode ser realizado mesmo que com condições corporais adversas (TORRI, 2019).

O passo seguinte é a alocação do atleta em uma categoria que reúna corpos em semelhante condição. Por exemplo, atletas de salto e corrida com lesão de membros em alturas próximas; aqueles que utilizam ou não uma prótese; jogadores de basquete em cadeiras de rodas com mobilidade de quadril semelhante, etc. Desse modo, para poder tomar parte da prova de salto em altura, Flavio, o atleta que aqui nos ajuda a compreender melhor o fenômeno esportivo, foi escrutinado pelos classificadores, de forma que fossem identificadas suas condições e, com tal diagnóstico, houvesse sua circunscrição em uma categoria em que pudesse enfrentar adversários que lhe fossem semelhantes nos termos da deficiência que apresentassem.

A participação em Paralimpíadas – assim como em outros eventos internacionais, como os Jogos Olímpicos – exige a obtenção de índices ou outras formas de qualificação. Nessas competições, os próprios atletas podem sugerir que sua classificação seja revista, dada uma eventual piora em sua condição, algo comum naqueles que apresentam doenças degenerativas e que, assim, se habilitam a migrar para outra classe. Podem ainda solicitar que a classificação de algum oponente seja verificada, para garantir que este não obtenha indevida vantagem. Não é incomum que um atleta seja reclassificado para um grupo de menor comprometimento, o que, na prática, coloca-o em situação competitiva mais difícil.

Tais procedimentos reforçam a necessidade que tem o esporte, mesmo e sobretudo aquele para pessoas com deficiência, de tentar aferir igualdade/justiça de condições. A classificação e o ordenamento são necessários para que corpos sobre os quais o sujeito talvez possa exercer um domínio menos extenso, pois inicial e aparentemente deficientes para o esporte de alto rendimento, possam ser exemplos de controle e organização e assim servirem como modelo de eficiência a ser alcançado. Tornam-se, dessa forma, talvez ainda mais dominados que os sem deficiência, pois, além de toda a soberania que o esporte exige, colocando

o corpo como um outro em relação a si mesmo, superam ainda a condição corporal desfavorável, apresentando o máximo de eficiência na deficiência.

Flavio atualmente compete com atletas amputados de uma perna, mas que podem utilizar prótese, além de atletas que possuem as duas pernas, desde que uma delas não tenha total funcionalidade, condição vista como similar à amputação. Nos *Cadernos de Regras das Paralimpíadas de 2016* – bem como no de 2021, já que a regra não mudou –, isso está colocado da seguinte maneira:

Amputados acima do joelho e atletas com outras deficiências são comparáveis. Isso inclui atletas com perda de força muscular nos membros inferiores, correspondendo às classes F57 e F58. Atletas com um ou mais tipos de deficiência que afetam a função do quadril e/ou joelho em um ou ambos membros e com limitações de atividade em arremessos, saltos e corrida, competindo sem prótese/prótese comparável à de um atleta com pelo menos uma única amputação direta ou acima do joelho. Atletas com deficiência(s) comparáveis a amputações bilaterais acima do joelho também são colocados nesta classe. (IPC, 2015, p. 41, tradução nossa).⁶

A descrição da categoria aponta organismos diferentes competindo uns contra os outros. Embora compartilhem a mesma classe, os atletas (e também seu técnico) acreditam que a utilização da prótese, por exemplo, pode levar a uma vantagem inalcançável àqueles que não utilizam o equipamento. Também reclamam da presença de atletas com uma perna disfuncional, pois supõem que o membro pode auxiliar no momento da corrida, já que o salto em altura consiste em imprimir velocidade de corrida (na horizontal) para impulsão vertical. Não há estudos que comprovem tais benefícios, entretanto, nas Paralimpíadas de 2016, assim como em 2020/2021, os três primeiros lugares, ou seja, aos quais se atribuem medalhas, foram conquistados por atletas com uma perna disfuncional, ficando fora do pódio atletas mais semelhantes ao brasileiro.

Flavio e seu técnico nutriam expectativas de que, nestas Paralimpíadas (2020/2021), as regras houvessem mudado e os atletas com uso de prótese concorressem em uma categoria exclusiva para eles:

É. Ela vai mudar, mas não vai ser tanto, não vai mudar como a gente acha que deveria. Vai ser a retirada de dois ou três atletas que usam prótese, então, na verdade, ainda vão permanecer aqueles da pólio, de sequelas [sic]. (FLAVIO, ENTREVISTA).

Embora, você que está acompanhando a Paralimpíada, que, na classe dele, ano que vem já vai ter alguma coisa de diferença, ou seja, quem usa prótese, já vai ser outra classe. Ainda vai ter o de poliomielite, que também é, assim, não corresponde à realidade, porque embora tenha sequela, ele tem condições de fazer, de correr [sic]. (TÉCNICO, ENTREVISTA).

A correção esperada pelos brasileiros não se concretizou, e a presença de atletas com lesões diferentes das de Flavio em uma mesma categoria demonstra a dificuldade de se ter classificações que possam abarcar, com o que se supõe que fosse justo, diferentes atletas. Mostra-se impossível demarcar uma classe específica para cada deficiência, e o problema também aparece nos guias classificadores de evento,⁷ indicando que o Comitê tem ciência de tal dificuldade. Embora o esporte praticado por pessoas com ou sem deficiências busque categorizar e especificar todos os participantes e, assim, também seus corpos, já que,

em nome da igualdade formal de chances, não tolera as diferenças, no esporte paralímpico essa tentativa parece lograr ainda menos êxito do que naquele que lhe serve de modelo, já que, assim como no salto em altura, outras provas do atletismo, assim como outras modalidades, também agrupam deficiências diferentes, como, por exemplo, a natação.⁸

Os problemas enfrentados para abranger a todos e dar-lhes condições justas seguem na mesma direção da suposição de uma corporalidade universal. As reclamações de atletas como Flavio, que julgam sua busca pela performance prejudicada pela presença de outros atletas com condições diferentes, demonstra que essa tentativa, se não é exatamente uma falácia, é experiência frustrada.

Os Jogos Olímpicos realizados em Tóquio foram chamados de Olimpíadas da diversidade, o que supõe a inclusão de diferenças em favor de uma democratização das expectativas corporais. Ainda que as manifestações políticas por parte de atletas tenham sido mais toleradas que em outras ocasiões, e que tenhamos visto a presença de uma atleta trans competindo, não sem desconfianças,⁹ além de uma pessoa não binária participando na competição de skate (mas enquadrada na categoria feminina), segue valendo o critério segundo o qual um corpo pode participar do evento na medida em que for adequado à modalidade escolhida. Não é diferente com o parolimpismo, que tem no discurso em favor da inclusão de pessoas com deficiência um dos seus sustentáculos justificadores. Se isso pode ser verdade nos termos da visibilidade e da representação, não é, absolutamente, quando o que está em jogo é vencer, mobile central do esporte. Nele impera, portanto, uma busca furiosa por resultados, da mesma maneira que no esporte olímpico, que, por sua natureza, também não inclui a todos, já que a imensa maioria dos corpos não alcança performances que autorizem sua participação nesses eventos. O próprio Flavio reconhece e reafirma essa dinâmica, ao reivindicar que deseja reconhecimento de suas práticas como atleta de alto rendimento:

A gente, ainda tem uma visão do paradesporto, de inclusão, então isso é ruim. [...] É ruim para quem trabalha com alto rendimento, que busca resultado, então, você não pode visar à inclusão. Já são incluídos no esporte, então a gente precisa dar para eles uma condição maior de conquistar resultados, e aí, nisso, a gente precisa estar, sabe? Buscando exercício, buscando formas de atender ao exercício que vai fazer na hora do salto, na hora da corrida, na hora do arremesso, que é um pouquinho diferente do convencional. (DIÁRIO DE CAMPO 08, 03/12/2017).¹⁰

Queremos que as pessoas parem um pouco de ver que aquela pessoa não tem um braço ou não tem uma perna, que elas parem de ver a nossa deficiência e comecem a ver a eficiência. Acho que os brasileiros ainda têm a impressão de que somos ‘coitadinhos’. E essa vai ser a melhor parte da Paralimpíada no Brasil: mostrar que somos atletas buscando objetivos. (COSTA, 2016).

Dessa forma, embora os jogos paralímpicos e o esporte para pessoas com deficiência afirmem ter incluído todos os corpos, ainda que pesados, ordenados e normativizados, a dificuldade de possibilitar igualdade formal para a competição aponta na direção contrária de uma universalidade corporal. Se, por um lado, a tentativa de incluir corpos “não modelares” é anunciada, por outro, a razão, que se equipara ao real, opera na direção de nada deixar de fora (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). Tal processo parece não

conseguir, ao menos não completamente, totalizar essas existências, pois a variedade corporal para atletas paralímpicos, e ainda olímpicos, é, esta sim, a verdadeira norma.

3 Saltar com deficiência, com eficiência

O importante texto de Marcel Mauss (1974) sobre as técnicas corporais, de 1936, ajuda-nos a compreender como elas não se limitam ao uso dos instrumentos e ferramentas para seu aprimoramento, sendo o próprio corpo um instrumento técnico. Eficácia e tradição são os critérios que, segundo Mauss, fazem com que uma técnica corporal perdure. Isso significa, nos termos do esporte, que, em uma prova como o salto em altura, do atletismo, vários atletas executem determinado movimento, a partir de um consenso prático e científico que o designa como o mais adequado para alcançar uma performance de alto nível. Mais do que nunca, será o corpo, mesmo *deficiente*, o instrumento técnico por natureza, impulsionado, no entanto, por um desejo de desempenho. Desse modo, não existiria uma forma natural ou inata de se servir do corpo, mas sim usos diferentes, moldados e transmissíveis pelas culturas de cada sociedade.

Para Mauss (1974), gestos como caminhar ou correr são, portanto, apenas em aparência naturais, configurando-se como tecnologias adquiridas e desenvolvidas por cada indivíduo quando da sua socialização em um determinado período de tempo, instrumentalizando seu próprio corpo. Ao concordamos com Adorno (2020) que o esporte assume estrutura modelar, e com Marcuse (1966) ao reconhecermos o princípio de desempenho como mediador da realidade, assumimos que o protótipo de eficiência máxima protagonizado pelo esporte deve ser reproduzido pela sociedade e que as referências esportivas corporais se colocam, dessa forma, como universalmente ideais para todos os corpos, mesmo aqueles não atletas.

É desse modo que a eficiência é pensada também para aqueles corpos que, na maioria das vezes distintos e diferentes, não deixam de estar sujeitos ao modelo do desempenho corporal. São corpos das pessoas com deficiência, cada vez mais integrados ao modelo de eficiência esportiva, ainda que não completamente integralizados, já que competem separadamente.

Esse mote existencial, no interior do qual todos rendem adequadamente e concorrem entre si, como mais produtivos, mais bonitos, mais eficientes, mais ativos, mais racionais, mais estudados, etc., compartilha do ideário da razão instrumental (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), que não tolera nada fora de suas fronteiras, nada que possa indicar os limites de seu projeto de dominação da natureza, interna e externa ao sujeito, que exalta a técnica e a crença no progresso sempre ascendente. Esse processo é o da dimensão totalitária de esclarecimento, que não pode tolerar nada distinto. Da mesma forma, corpos não modelares são instigados a se normatizarem para integrar-se, de forma que a instituição esportiva colabora para que nenhum corpo demonstre falta de controle, de produtividade, de natureza não dominada. Mesmo corpos com deficiência, que poderiam apontar outra possibilidade de existência, compõem o mesmo

universo. Tornar eficiente um corpo com deficiência talvez seja a última fronteira a ser ultrapassada para que as pessoas possam ser vistas como produtivas.¹¹

A incorporação das pessoas com deficiência no esporte, então, reforça a ideia de eficácia também para aqueles que não seriam, necessariamente, exemplo dela. Estes tomam parte do mesmo princípio de desempenho que coloca os corpos humanos a serviço do trabalho alienado, e não do prazer ou da liberdade, marca da sociedade capitalista, como aponta Marcuse (1969). Também o fazem autores como Bero Rigauer (1969) e Jean-Marie Brohm (1976), que investigaram, na tradição da Teoria Crítica, a visão quase sempre positiva do esporte, ou ainda seu *caráter afirmativo*, que fomenta a crença no progresso, nos índices a serem batidos, na reificação corporal.

Segundo essa tradição (BROHM, 1976), seria possível canalizar nossas energias pulsionais como instrumentos políticos na batalha contra as formas de dominação do ser humano, talvez possibilitando a recordação do que há em nós de natureza que não pode ser subjugada. Nos termos de Adorno (2009), isso poderia significar a rememoração da natureza no sujeito, dimensão recalcada na sociedade administrada e que o esporte leva às últimas consequências. Entretanto, pela mobilização esportiva, ocorre o contrário: como afirmamos, há um intenso controle da energia libidinal, gerando um princípio de realidade opressor, que mantém a todos conectados e do qual ninguém deve ficar de fora. Esse caráter modelar serve para afirmar uma sociedade que caminha pelo princípio do rendimento máximo, já subjetivado como norma, para o qual tudo é esportivizado. Assim, todos devem produzir sempre mais e acreditar que isso é realmente necessário.

Nessa direção, embora designações tenham sido mudadas, e ainda venham passando por mudanças, com relação principalmente ao esporte, mas não somente, o que ainda impera para as pessoas com deficiência é o modelo médico e funcional, responsável por classificar os corpos por aquilo que são capazes de realizar e pelas designações das doenças que possuem. São, então, como chamamos, inspirados em Robert McRuer (2006), corpos não normativos. Estes *desviantes* (CAMARGO, 2016) se veem comparados com o que seria um corpo sem deficiência, ou um corpo dentro da norma universal, que espera um sujeito eficiente e, acima de tudo, produtivo, mote de nossa existência em um sistema capitalista. Assim, mesmo aqueles que a princípio não são reconhecidos pelo completo controle de seus corpos, são incentivados a participar do mundo via modelo esportivo, em um processo que pode lhes oferecer possibilidades de produtividade.

Tal modelo é proporcionado pelo avanço técnico e tecnológico impresso no corpo, que, por um lado, se indica que as pessoas com deficiência são *incompletas e pouco eficientes* para o esporte dito convencional, por outro, permite que os corpos desses atletas possam ser vistos como fortes e ágeis. Assim, são também modelos de eficiência e rendimento para aqueles não atletas, por meio da narrativa da superação, discurso amplamente repetido quando a eles se refere. Assim, mesmo “menos dominados e

normatizados”, ainda servem de modelo de disciplina a que todos os corpos podem e devem se submeter (TORRI, VAZ, 2017).

Como afirmamos, o esporte funciona como expoente de disciplina e eficiência para os corpos, na direção de uma generalização do sujeito, que, afinal, é expressão de uma sociedade autoritária. Exemplar, neste caso, é a modalidade praticada pelo paratleta que observamos. Este compete em uma prova em que a plasticidade corporal fica em evidência, sendo frequente o fato de as câmeras explorarem os movimentos que levam o atleta a ultrapassar a barra horizontal, chamada, no atletismo, de sarrafo. A forma mais eficiente de conseguir esse intento é empregando uma técnica chamada *Fosbury Flop*, que leva o nome do primeiro atleta a realizá-la (o estadunidense Richard ‘Dick’ Douglas Fosbury), superando as técnicas que até o final dos anos 1960 eram hegemônicas, denominadas *stradlle* e rolo ventral.

Flavio, em 2016, era o único atleta de alto rendimento que, com apenas uma perna, realizava o salto empregando a técnica de *Fosbury Flop*, o que significa correr em curva para a aproximação ao sarrafo e saltar de costas. A corrida se define como um deslocamento na forma de uma sequência de saltos, o que Flavio concretiza, reafirmamos, com apenas uma das pernas. Para que seu corpo realize tal feito, são necessárias horas intensas de treinamento, a fim de que a fusão entre corpo e técnica seja perfeitamente realizada, mesmo que em um corpo com deficiência, tornando-o, no limite do possível, um corpo capaz de gestos automáticos.

Depois do intenso aquecimento, Flavio vai até a zona de saltos. O exercício agora é saltar de costas, parado e passar o sarrafo. Sidney me diz que o melhor salto dele nessa posição é de 1,55. O técnico pede que ele realize no mínimo 10 saltos. Após quatro saltos, pergunta ao atleta: “Tá melhor, né?” Flavio responde: “Não sei. Só tô fazendo. Igual no sonambulismo”. (DIÁRIO DE CAMPO 01, 03/08/2016).

[...] desce do colchão e inicia a série de saltos. Coloca o sarrafo em 1,42. Fica parado de costas ao lado do sarrafo e salta. Faz duas vezes. Depois sobe a 1,45 e repete o exercício. Coloca a 1,50 e passa de costas novamente. Em seguida, coloca a 1,60, mas já salta utilizando a técnica do Fosbury, realizando com duas passadas apenas. Erra a primeira vez, mas na segunda acerta. Sobe o sarrafo e coloca 1,65. Passa na primeira tentativa, mas erra as próximas quatro. Mesmo errando, aumenta para 1,70. Erra sete vezes e só passa na oitava. Parece muito cansado. A cada salto, demora mais para sair da marca e iniciar nova tentativa. Está fazendo com sete passadas. Na oitava ele ultrapassa. E aumenta para 1,75. Parece exausto. Ele tenta por cinco vezes, mas apenas na sexta consegue ultrapassar o sarrafo e então se encaminha para o alongamento. Diz que hoje está muito cansado. Que está sentindo muito o peso da perna. Diz que chega e começa a se alongar. Diferentemente dos outros dias, quando este momento dura aproximadamente 30 minutos, ele alonga por apenas 2 minutos e diz que hoje gostaria de tomar um remédio para relaxar a musculatura, mas, como não pode, pois poderia ser pego no doping, vai ligar para o fisioterapeuta, já que também fez treino na academia pela manhã e precisa soltar a musculatura de alguma maneira. (DIÁRIO DE CAMPO 04, 10/08/2016).

Assim, da mesma forma que no esporte tradicional, a performance de Flavio é possibilitada pela técnica muito bem executada, que é construída com treinamento intenso em quase todos os dias da semana, muitas vezes em dois períodos. O atleta sabe que leva seu corpo ao limite e, por praticar um esporte, que estimula e exige diretamente as forças de sua única perna; preocupa-se com o trabalho extremo que faz, o

qual lhe provoca dores diárias: “Cuido muito porque é daqui direto para cadeira de rodas”. Flavio conhece seu corpo e orienta-se nos limites da dor e do cuidado.

4 Corpo e dor

Como afirmamos, a beleza da forma produzida pela performance esportiva somente é possível por meio de intensa dedicação e domínio, já que se ocupa de cada pedaço do corpo. São horas, dias, semanas, anos de treinamento, inúmeras repetições de movimentos, dieta rigorosa e a convivência com dores (e restrições), que precisam ser superadas, respeitadas e canalizadas para o desempenho, ideia canonizada pelo esporte de alto rendimento e repetida pelos competidores. O próprio Flavio assim se manifesta:

Pergunto sobre a dieta e ele diz que está bem dura. Que às vezes a sensação de fome é imensa.

[sua relação com a dor é] Nada amigável. Assim, depende muito da dor, porque dor de treino é tranquilo. Dor de treino. Tu vais lá, tu fazes 100 repetições e aí eu caio muito com a parte da dorsal, e eu levo o queixo ao peito, a parte da dorsal. Aí, desde 1 metro e 30, que eu começo a saltar de costas, parado, 35, 40, 45, 50, 55, 60, 65, 70, e ali lá nos 65, 60, 65, 70, 1 metro e 75, acima, eu já estou fazendo corrida completa, e aí o corpo machuca. Então, assim, eu sei que aquela dor é oriunda do meu esforço e eu vou ter que passar por ela da melhor maneira possível. E eu espero que, no outro dia, eu esteja apto a executar tudo de novo e treinar, e saber que aquilo ali faz parte da evolução. Não é legal? Não, mas eu aprendi a conviver com ela, porque eu sei que ela faz parte, faz parte da evolução. Eu acho que é pior ainda outro tipo de dor, que é a dor do fracasso, do que a dor física. A dor física tu sabes que, se tu parares de treinar três dias, tu vais estar inteiro, de novo. (DIÁRIO DE CAMPO 09, 03/12/2017).

Não há dúvida sobre o entrelaçamento entre a dor e o domínio corporal no esporte, como se pode ver constantemente nos depoimentos de atletas, assim como em pesquisas que se dedicaram ao tema (BOAVENTURA; VAZ, 2020; GONÇALVES, VAZ, 2017a, 2017b; TORRI, VAZ, 2017; SABINO; MADEL, 2014; SABINO, 2002). A dor, desse modo, não se esgota em uma relação fisiológica que apenas aponta a condição dos atletas, uma espécie de aviso de que algo não vai bem. Antes, sim, ela tem um significado, um uso social e uma instrumentação técnica e pedagógica, que também aponta para uma visão mecanizada do corpo.

Não é casual que Adorno (1995b) critique, no mesmo contexto, qualquer pedagogia que valorize a dor, o esporte e o véu tecnológico, três dimensões de um mesmo processo de reificação, de regressão subjetiva. Apesar de considerar o esporte como algo que também pode gerar uma experiência emancipadora, no mais das vezes, trata-se, para ele, do reforço de uma educação para a indiferença à dor, a própria, a dos outros (ADORNO, 1995b). Poderíamos avançar um pouco em relação ao que o filósofo escreveu, para dizer que, sem algum gozo gerado por ela, é provável que um atleta de alto rendimento não existisse.

Apesar de nossa situação exemplar evidenciar o esporte paralímpico, ao observarmos o treinamento de Flavio, percebemos que seu corpo, como dito acima, mesmo sem uma perna, pratica o esporte de maneira ‘convencional’; é o corpo de Flavio que, mesmo sem um dos membros, realiza o salto em altura e todos os

treinamentos que essa prática exige. Isso vale para a integralidade das ações, desde o aquecimento, quando o faz correndo no gramado do campo, passando pelos exercícios de alongamento, que realiza no chão e em pé, e chegando à própria prática do salto, quando realiza a técnica do *Fosbury Flop*. Mas, principalmente, pelo intenso treinamento necessário para que a técnica seja internalizada (nos termos sugeridos por Mauss) e o corpo em completo domínio seja capaz de realizar a performance e competir. Desse modo, entendemos que corpos com ou sem deficiência partilham da mesma mecanização corporal e de intensa instrumentalização para que o resultado aconteça, convivendo intensamente com a dor, que parece ser componente inseparável do esporte de alto rendimento, paralímpico ou não.

Flavio levanta do colchão e volta para a área do salto. Ele refaz o percurso das passadas contando os passos com as muletas e faz uma marca onde acredita que deva saltar. Depois de fazê-lo, acha que ficou muito espaçado e reconta. Ele tenta executar o salto com três passadas (pulos/saltos, já que não tem uma perna) e diz que está sentindo dor “na canela”. Antes de iniciar os saltos com a corrida, ele faz um primeiro com apenas uma passada, segundo ele, para “amaciar a carne”. Depois da realização do mesmo, Sidney reclama da posição do braço de Flavio, dizendo que estaria prejudicando o “voo” do atleta. Flavio faz outro salto e Sidney diz que melhorou, mas Flavio reclama que fez o salto muito lentamente. Ele vira pra mim e diz que tem tido “canelite” e que fez lento por conta da dor, para que não doa tanto. Executa mais um salto e, quando cai em cima do colchão, fica acariciando o tornozelo. Sidney diz a ele: “O salto está bom. Tá nota 7,0. Mas, nota 7,0 tem trinta que fazem”. Flavio nada responde. Sidney então mostra para Flavio as filmagens do celular. Chegam à conclusão de que Flavio está atacando o sarrafo de forma errada e mudam as marcas das passadas. Ele faz novamente. O salto parece rápido, mas Flavio reclama que ele está lento. Acha que a marca está errada e muda novamente. E salta mais uma vez. Ele diz que precisa aprender a voar mais. Salta novamente e diz que está doendo tudo. Sidney diz que a técnica perfeita seria vir com velocidade e segurar no alto e entoar três vezes como um mantra: “Quente, rápido, subindo, pronando”. O atleta volta para o início e faz o salto mais uma vez. Antes de cada salto, Flavio fala baixinho consigo mesmo e faz um movimento com as mãos, como se estivesse explicando para si mesmo o salto, as passadas e o movimento no alto do sarrafo, e sai novamente para saltar. Essas tentativas se repetem ainda muitas vezes antes que Flavio pare para descansar. (DIÁRIO DE CAMPO 01, 03/08/2016).

A técnica precisa ser internalizada, e o corpo, completamente escrutinado por ela, produz dor. Esta é física, mas também mental, já que seu técnico a utiliza como estimulante, como uma forma de fazer Flavio treinar mais e superar a altura do sarrafo.

Flavio se prepara para saltar novamente e Sidney o incita: diz que sente cheiro de indiano (os principais adversários do atleta). Sidney grita: “É agora, no fim, cansado, desmotivado que a gente disputa a medalha”. Continua gritando: “Vamos, Flavio. Faz dois saltos certos e vamos embora. Tá contigo. Vamos, Flavio”. O atleta parece muito cansado, pois, além do treino físico, já realizou mais de 25 saltos. Ele se prepara para saltar novamente. Respira fundo, grita antes de começar. Sidney diz: “Ele (indiano) vai começar com 1.75. Nesse momento ele nem tirou a calça ainda. Tá esperando você errar o terceiro para ele fazer o primeiro”. Flavio salta e acaricia o tornozelo. Ele melhora, mas encosta no sarrafo, que cai. Sidney diz: “Subiu bastante, mas isso não te dá o direito de ir embora. Você não quer parar, Flavio?” Ele responde: “Queroooo”. Sidney diz: “Não vi isso ainda”. Ele salta novamente, mas derruba o sarrafo. Ele deita no colchão e Sidney diz: “Vamos, mais um, mais um”. Flavio levanta e vai novamente para o início da corrida. (DIÁRIO DE CAMPO 01, 03/08/2016).

Esse sofrimento, que aqui aparece sob a forma da dor à qual Flavio submete seu corpo, também está presente nos fascínios que Hans Ulrich Gumbrecht (2007) destaca no elogio que faz ao esporte. O autor

aborda este fascínio pela atração que sentimos aos vermos dois competidores duelarem e causarem intenso sofrimento um ao outro. Lembra ainda da dureza das partidas de tênis e de esportes como alpinismo, ciclismo e corridas de longa distância. Todos esses esportes, assim como outras provas do atletismo, teriam em comum o intenso preparo físico, que causa sofrimento ao corpo e, em alguns casos, aproxima o atleta da morte. Parece-nos que admirar o sofrimento talvez tenha algo de grotesco, que gera curiosidade, que atrai para o impossível, para o limite do corpo e que nos fascina. Assim, os corpos das pessoas com deficiência, como no esporte de alto rendimento, para aqueles sem deficiência, apresentam-se como natureza que pode ser ajustada com o objetivo de atingir desempenhos esportivos cada vez maiores, vistos como máquina que pode ser posta em funcionamento e também eventualmente descartada (VAZ, 2001).

Não é possível dizer que os atletas de alto rendimento, pelo menos em sua grande maioria, não sabem das consequências do intenso treinamento sobre seus corpos e das implicações que dele derivam. Não é possível dizer que os atletas de alto rendimento, pelo menos em sua grande maioria, não sabem das consequências do intenso treinamento sobre seus corpos e das implicações que dele derivam. Esses esportistas reconhecem que causam sofrimento ao próprio corpo, mas também que isso é subproduto de um grande investimento pulsional, aceitando que as dores são compensadas pelos êxitos. De qualquer forma, pelo menos alguns dedicam atenção a esse processo, tanto no planejamento de carreira, ou, como Flavio, na programação do que será a vida após a aposentadoria das pistas, mesmo que não seja ela completa:

Eu tenho planos de me aposentar da pista após 2020, indo ou não para Tóquio,¹² por um motivo muito simples, que é o tempo que eu estou castigando a minha perna. É um membro só, sobrecarrega-se todos os dias. O fato de eu levantar da cama já tem uma sobrecarga [...]. Eu pretendo parar posterior a isso para manter uma qualidade de vida mínima para mim, depois, porque eu preciso andar, aquela coisa, preciso ter o meu deslocamento normal. Eu sei que daqui até lá pode acontecer muita coisa.

[...] eu tenho lesão recorrente na panturrilha, no sólio, medial posterior, mas isso é por causa do impacto, mas a gente consegue trabalhar. Me tira muito treino, mas consegue trabalhar. O objetivo, realmente, é participar de Tóquio. Se Deus quiser e se der tudo certo, ganhar uma medalha e aí, depois, começar a encaminhar a aposentadoria do salto em altura.

[...] continuar com o esporte. Eu tenho algumas opções aí, na mão, e eu vou investir, sim, no esporte. [...] Nem que seja, sei lá, xadrez.

[...] para repousar. O meu objetivo é dar descanso para perna. [...] Para parte inferior, para a parte do quadril, e sobram algumas opções, uma canoagem, ciclismo, uma handbike.

[Aposentar-se] [...] da parte de baixo. Exatamente. Da parte de cima, não. (DIÁRIO DE CAMPO 09, 03/12/2017).

Flavio pretende migrar para outros esportes, seguir treinando, sendo um atleta, um atleta com deficiência. Trata-se de uma estratégia para seguir competindo, já que toda sua energia está direcionada para tal, reafirmando o quanto o esporte é central na vida de quem o pratica.

5 Considerações finais

Experimentamos, no contemporâneo, a importância extremada do fenômeno esportivo. Nem mesmo a pandemia mundial de Covid-19 impediu a realização de seu maior evento, ainda que o tenha atrasado. Patrocinadores, marcas esportivas e redes mundiais de comunicação tiveram voz ativa no processo, acima dos projetos pessoais dos atletas, que se preparam durante quatro anos para as Olimpíadas. Sua realização reforça a importância econômica do esporte, mas também seu caráter como expoente de disciplina, eficiência e progresso, já que transpor um recorde olímpico, embora obra de apenas um atleta, é comemorado como se fosse a realização de todos, ainda que correr 100 metros abaixo dos 10 segundos seja praticamente impossível para quase todos os corpos e de pouca validade para a vida em geral.

A importância da competição reforça a presença da concorrência como norma, ampliando seu caráter modelar, chamado por Theodor Adorno (2020) de *esportivização da sociedade*. Esta teria caráter positivo, como se o progresso fosse sempre ascendente, de modo a organizar e definir o modo de vida capitalista. Essa tradição relembra que o esporte e seus desdobramentos são tributários da razão instrumental, tornada mito, que não tolera um outro em relação a ela, inclusive corpos não produtivos. Assim, mesmo aqueles com deficiência, mas eficientes e produtivos nas quadras e campos, podem ser expressão do domínio da natureza, nesse caso, interna ao sujeito, que o transforma em objeto treinável.

Por meio de um intenso controle da energia libidinal (BROHM, 1976), que impede a busca por outras formas de vida, menos repressoras, ou, como afirma Adorno (2009), que tornassem possível uma rememoração da natureza no sujeito, o esporte atua em seu contrário, gerando um princípio de realidade impiedoso, que mantém a todos conectados guiando-se pela ideia de rendimento máximo, já subjetivado como norma.

De tal forma, o princípio de desempenho (MARCUSE, 1966) é assumido pela sociedade capitalista, em que todos e cada um devem render adequadamente, produzir, mostrar-se eficientes. Assim, mesmo corpos que, inicialmente, talvez, sejam menos *dominados* e mais distantes do controle da razão instrumental, que não permite aquilo que dela pode escapar, são integrados no sistema e exemplos de performance. A eficiência na deficiência.

Os eventos esportivos agem também como protótipo de estrutura corporal a ser desejada e constantemente buscada, orientando os corpos na direção de uma generalidade biológica, ou ainda de um sujeito universal, mas que é, paradoxalmente, impossível de ser atingido. Isso acontece porque o fenômeno desconhece as conformações sociais, que também constroem o corpo, como ensinou Marcel Mauss (1974), e impedem uma universalidade corporal. Uma vez ignoradas, colaboram para impedir que a igualdade formal de chances propalada pelo esporte possa de fato acontecer, seja para corpos olímpicos, seja para aqueles com deficiência, já que a variedade corporal, para atletas paralímpicos e olímpicos, é, esta sim, a verdadeira norma.

São necessárias horas intensas de treinamento para que os atletas realizem tais feitos, para que a fusão entre corpo e técnica seja perfeitamente realizada, para aquilo que há de natureza no sujeito seja operacionalizado, para que o rendimento aconteça. Tal processo se materializa por meio de extrema dedicação e domínio, que se ocupam de cada pedaço do organismo do atleta, tornando-o, no limite do possível, capaz de gestos automáticos. Torna-se assim um corpo objeto de treinamento, matéria moldável, máquina a ser posta em funcionamento, um outro em relação a si mesmo, mas que faz parte de si mesmo.

Mais do que ser reconhecido como esporte para pessoas com deficiência e como possibilidade de inclusão, o paralimpismo é, antes de tudo, esporte. O que está em jogo é a vitória. O fim último é a busca infinita pelo resultado, mesmo que para isso se transforme o corpo em fronteira a ser superada. Flavio sintetiza esse caráter normativo do esporte, repetindo seus princípios, ‘organizando’ e ‘dominando’ essa corporalidade ‘anormal’, diferente. O que está em foco são as performances velozes e fortes que consegue desenvolver e que, de certa forma, *escondem* sua condição de pessoa com deficiência via prática esportiva.

Se o corpo de Flavio não está visualmente hibridizado pela tecnologia ou pela máquina, como aqueles protetizados, está atravessado pelo domínio da técnica praticada à exaustão, que tem na dor não uma aliada para evitar lesões (ela ‘avisaria’ que algo não anda bem), mas sim a confirmação de que, no esporte de alto rendimento, é necessário o sofrimento para a produção da performance.

O intenso treinamento a que Flavio se submete, normalizando seu corpo pela prática do salto *Fosbury Flop*, a dor que tolera buscando o melhor rendimento, a beleza produzida pelo salto e assim reproduzida pelas imagens são modelares, repetindo e reforçando o esporte de alto rendimento olímpico, que, por sua vez, é visto como exemplo para todos, mesmo os não atletas, com ou sem deficiência, aproximando os dois eventos e compartilhando seus princípios.

A diversidade presente no esporte paralímpico e a dificuldade para que as categorias atendam a todos poderiam oferecer inspiração para que houvesse um outro esporte, uma outra forma de se relacionar com a (falsa) universalidade dos corpos e com a competição. Mas, de certo modo, negaria a importância assumida pelo esporte no mundo contemporâneo, notoriedade que as Paralimpíadas desejam cada vez mais, ou da qual não podem prescindir.

Assim, é preciso reforçar que, ao colocarem-se como prática para as pessoas com deficiência, as Paralimpíadas reafirmam o caráter de dominação posto no esporte que lhe serve de modelo. Repetem sua estrutura de treinamento e a busca pela potencialização corporal. Exportam modelos de eficiência e desempenho. Por fim, as narrativas sobre os dois fenômenos tratam de construir deuses e heróis que devem auxiliar na configuração pedagógica do esporte. Para isso, repetem fórmulas consagradas: igualdade formal de chances, exaltação da técnica e do treinamento intenso, que tem a dor como parceira, e não como alerta. Corpos que se adaptam ao desempenho e concorrem entre si.

Notas

¹ *The performance principle, which is that of an acquisitive and antagonistic society in the process of constant expansion, presupposes a long development during which domination has been increasingly rationalized: control over social labor now reproduces society on an enlarged scale and under improving conditions. For a long way, the interests of domination and the interests of the whole coincide: the profitable utilization of the productive apparatus fulfills the needs and faculties of the individuals.*

² São muitos os trabalhos que mostram esse percurso, entre os quais Guttman (1978), Gay (1995), Elias e Dunning (1992) e Rigauer (1969).

³ Seguimos aqui a interpretação de Vaz (1999, 2020).

⁴ Acompanhamos durante três meses a preparação e a participação em competições de um dos principais paratletas brasileiros, Flavio Reitz, praticante do salto em altura da modalidade de atletismo, que detém o recorde nacional em sua categoria, bem como um currículo que inclui participações exitosas em Paralimpíadas e Campeonatos Mundiais. É atleta da cidade de Itajaí e do clube Roda Solta. Após uma breve passagem pelo handebol de cadeiras de rodas, encontrou-se no atletismo e, atualmente, disputa a classe T42 - Amputação simples (uma perna) acima do joelho ou comprometimento físico similar à tal amputação. Observamos sistematicamente treinos técnicos e físicos nas cidades de Itajaí e Timbó, em Santa Catarina, que precederam à participação do atleta nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, competição que também foi por nós assistida. Foram realizadas ainda duas entrevistas, com o atleta e com seu técnico, Sidney Reinhold. A mídia escrita também foi considerada como fonte de investigação. A pesquisa, originalmente para uma tese de doutorado, foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, conforme Parecer nº 2.572.277. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelos informantes, que aceitaram livremente participar do estudo. Os participantes foram comunicados quando da defesa de tese, bem como a respeito deste artigo. Atleta e técnico optaram pela divulgação de seus nomes em todas as instâncias de divulgação dos resultados.

⁵ No mesmo contexto, coloca-se a proibição do uso de substâncias consideradas ilegais, porque melhorariam artificialmente as condições naturais de desempenho corporal, como se atividades esportivas fossem práticas naturais, ou como se o corpo não fosse construído socialmente. Discussões críticas sobre o *doping* podem ser lidas, entre outros, em Vaz (2005), Hoberman (1992) e König (1996).

⁶ *Athletes have one or more impairment types affecting hip and/or knee function in one or both limbs and with activity limitations in throws, jumps and running competing without prosthesis/prostheses comparable to that of an athlete with at least a single through or above knee amputation. Athletes with impairment(s) roughly comparable to bilateral above knee amputations are also placed in this class* (IPC, 2015, p. 84).

⁷ Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15%2BExplanatory%2Bguide%2BClassification_summer%2BFINAL%2B_5.pdf. Acesso em: 2 set. 2016.

⁸ As discussões sobre as reclassificações funcionais acompanham o parolimpismo, principalmente, como afirmamos, no atletismo e na natação. Nesta última, com frequência ocorrem mudanças de categorias que, por um lado, se parecem beneficiar alguns, não agradam todos os nadadores, principalmente aqueles que se consideram prejudicados pela inclusão de atletas supostamente ‘menos’ deficientes. Em 2021, uma das provas de Daniel Dias, atleta brasileiro de muito destaque, que compete na classe S5 (deficiências físico- motoras), teve como vencedor o italiano Francesco Bocciardo, que fora campeão olímpico na classe S6 (classe acima e, portanto, com mais potencial residual), mas acabou reclassificado para a S5. A diferença nos tempos dá ideia da dimensão do impacto na reclassificação: venceu os 200 metros nado livre com o tempo de 2min26s76, ao passo que o segundo lugar fez apenas 2min35s20, e Daniel, 2min38s6, ficando com o bronze (11s85 de diferença). O debate se intensifica, pois os competidores acreditam que os ‘rebaixados’ teriam vantagem, porque saem de uma classe acima, com mais capacidade motora, para uma abaixo, em que os atletas apresentam mais dificuldades. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/08/25/bronze-de-daniel-mostra-impacto-da-reclassificacao-na-natacao-paralimpica.htm>. Acesso em: 25 ago. 2021.

⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/afp/2021/08/04/levantadora-de-peso-transgenero-laurel-hubbard-se-aposenta-apos-estreia-olimpica.htm>. Acesso em: 4 ago. 2021.

¹⁰ Mais que se destacarem como aqueles que venceram uma dificuldade, os atletas querem ser incluídos no lema da eficiência esportiva, que acompanha os discursos sobre os competidores paralímpicos, mas se espraia para todos. Exemplar é a fala de Veronica Hipólito: “Manual da Paralimpíada: não olhe para a deficiência, olhe para a eficiência. Sem usar ‘que superação!’ só por ver alguém sem perna, braço, cadeirante, cego/baixa visão ou com paralisia. A gente treina pra caramba para estar lá”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/esportes/jogos-olimpicos/2021-08-24/nao-e-superacao-e-treino-como-torcer-na-paralimpiada-sem-preconceitos-e-cliches.html?ssm=FB_BR_CM&utm_source=Facebook#Echobox=1629820176. Acesso em: 24 ago. 2021.

¹¹ Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, o brasileiro Andrew Parsons, que desde 2017 comanda o Comitê Paralímpico Internacional, ao ser questionado sobre a visibilidade das pessoas com deficiência proporcionadas pelas Paralimpíadas, respondeu: “O fundador do movimento paraolímpico, Ludwig Guttman, já falava isso há mais de 70 anos: ‘Meu sonho é que toda pessoa com deficiência possa ser um pagador de imposto’. Isso tem a ver com cidadania, ser um cara ativo, trabalhar. Desde a origem, o movimento paraolímpico vai além do esporte. O objetivo é trabalhar para esse 1,2 bilhão de pessoas com deficiência no mundo. É um em cada sete seres humanos”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/08/so-paraolimpiadas-poem-pessoas-com-deficiencia-em-evidencia-diz-andrew-parsons.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

¹² Flavio foi a Tóquio, mas não atingiu o pódio.

Referências

- ADORNO, Theodor, W. **Dialética negativa**. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, T. W. “Sobre Sujeito e Objeto”, IN: Palavras e sinais: Modelos Críticos 2. Tradução: Maria Helena Ruschel. Supervisão de Alvaro Valls. Petrópolis-RJ. Vozes, 1995a
- ADORNO, Theodor, W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor, W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995b. p. 119-138.
- ADORNO, Theodor, W. **Indústria cultural**. Tradução de Vinicius Marques Pastorelli. São Paulo: Unesp, 2020.
- BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos femininos em debate: ser mulher na ginástica artística. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p.1-15, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3tSXffU>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BROHM, Jean-Marie. Sociologie politique du sport. In: BERTHAUDE, Ginette *et al.* **Sport, culture et répression**. Paris: FM, 1976. p. 16-31.
- CAMARGO, Wagner. X. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, out./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3wPlaId>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- COSTA, Camila. 'Eficiência, e não deficiência': com explosão de vendas ingressos, atletas paralímpicos querem mostrar mais que superação. Entrevista com Suzana Ribeiro. **BBC**, [S. l.], 7 set. 2016. Disponível em: <https://bitly.hk/vuLT3>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Produção de forma no esporte: sobre a estética do rúgbi. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 39, n. 4, p. 347-354, 2017a. Disponível em: <https://bit.ly/3JPlsCy>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo/matéria, gestos/material: para pensar uma estética dos esportes. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.126-135, 2017b. Disponível em: <https://bit.ly/3DoPWJa>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.
- HOBERMAN, John, M. **Mortal Engenies: The Science of Performance and the Dehumanisation of Sport**. New York: Free Press, 1992.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Explanatory guide to Paralympic classification**. [S. l.]: IPC, sep. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3iTUygQ>. Acesso em: 17 ago. 2021.

KÖNIG, Eugen. Sport und Tod. Philosophische Reflexionen über anthropofugalen Sport. In: RÄNSCHTRILL, B. **Natürlichkeit und Künstlichkeit**: Philosophische Diskussionsgrundlagen zum Problem der Körper-Inszenierung. Hamburg: Czwalina, 2000, p. 89-97.

MARCUSE, Herbert. **Eros and Civilization**: Philosophical Inquiry Into Freud. Boston, MA: Beacon Press, Boston, 1955.

MARCUSE, Herbert. **One Dimensional Man**. Boston: Beacon, 1966.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EdUSP, 1974. v. 2, p. 209-234.

McRUER, Robert. Compulsory Able-Bodiedness and Queer/Disabled Existence. In: DAVIS, Lennard J. (ed.). **The Disability Studies Reader**. 2. ed. London: Routledge, 2006. p. 88-99.

RIGAUER, Bero. **Sport und Arbeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.

SABINO, Cesar; MADEL, Therezinha. L. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de *bodybuilding* em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 467-490, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3Ln4JXA>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVEIRA, Viviane T.; VAZ, Alexandre F. *Doping* e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 42, p. 447-475, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3tS2B4b>. Acesso em: 20 mar. 2021.

TORRI, Danielle. **Educação do corpo**: técnica e estética no esporte paralímpico. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3iP7sgs>. Acesso em: 20 mar. 2021.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre F. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 536-550, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Dn6C3X>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VAZ, Alexandre F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3iMZYdR>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VAZ, Alexandre. F. Técnica, Esporte, Rendimento. **Movimento**. Porto Alegre, Vol 07, n.14, 2001.

VAZ, Alexandre F. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 23-36, set. 2005.

VAZ, Alexandre F. Dialética do corpo e de sua educação: Theodor W. Adorno. In: FARIA, Gina Glaydes Guimarães de; CHAVES, Juliana de Castro (org.). **Fundamentos dos processos educativos e formação humana**. 1. ed. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020. p. 111-126.